

A BALEIA ADORMECIDA DE ICÓ (CE): as lendas icoenses como práticas folkcomunicaçãois¹ THE SLEEPING WHALE OF ICÓ (CE): Icoense Legends as Folkcommunicational Practices

Letícia Ramalho Nascimento²
Maria Érica de Oliveira Lima³
José Cláudio Alves de Oliveira⁴

Resumo: *O presente trabalho tem como objetivo analisar as narrativas populares de Icó (CE) como práticas folkcomunicaçãois de difusão e preservação de saberes culturais locais. A partir do conceito de Folkcomunicação, desenvolvido por Luiz Beltrão, compreende-se a lenda como uma forma de comunicação que ocorre à margem da mídia hegemônica, valorizando os modos tradicionais de transmissão de conhecimento. Para tanto, apresenta-se um panorama histórico da cidade e das suas manifestações orais, com destaque para a lenda da Baleia Adormecida, amplamente disseminada entre os moradores da cidade. A metodologia empregada baseia-se em uma abordagem qualitativa, com análise interpretativa de registros textuais, musicais e audiovisuais, como textos acadêmicos, livros, canções e podcasts. Busca-se, assim, evidenciar como essas expressões simbólicas e orais configuram-se como práticas folkcomunicaçãois, reforçando a identidade cultural icoense e contribuindo para a salvaguarda da memória coletiva.*

Palavras-Chave: Folkcomunicação. Lendas. Cultura popular. Memória coletiva. Icó.

Abstract: *This study aims to analyze the popular narratives of Icó (CE) as folkcommunicational practices for the dissemination and preservation of local cultural knowledge. Based on the concept of Folk Communication, developed by Luiz Beltrão, the legend is understood as a form of communication that operates on the margins of hegemonic media, valuing traditional modes of knowledge transmission. To this end, a historical overview of the city and its oral traditions is presented, with special emphasis on the legend of the Sleeping Whale, widely disseminated among the city's residents. The methodology employed is grounded in a qualitative approach, with an interpretative analysis of textual, musical, and audiovisual records, such as academic texts, books, songs, and podcasts. Thus, the study seeks to demonstrate how these symbolic and oral expressions are configured as folkcommunicational practices, reinforcing Icoense cultural identity and contributing to the safeguarding of collective memory.*

Keywords: Folk Communication. Legends. Popular Culture. Collective Memory. Icó.

1 Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação & Cultura. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.

2 Mestranda no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: leticyya015@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0009-2319-7540>. Bolsista de Formação Acadêmica pela Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (FUNCAP).

3 Professora no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFC, e-mail: mariaerica@ufc.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-2172-2355>.

4 Professor nos Programas de Pós-Graduação em Ciência da Informação (PPGCI) e Museologia (PPGMUSEU) da UFBA, e-mail: claudius@ufba.br. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2887-2025>.

1. INTRODUÇÃO

“Não tire o santo do lugar, não tire o santo do altar dele, se essa baleia acordar esse sertão vai virar mar...” (Tamarineiros – Drulucca)

A comunicação popular, em suas diversas expressões, configura-se como um importante instrumento de produção e circulação de saberes culturais. Levando em consideração o contexto da cultura popular brasileira, as narrativas orais, como lendas, mitos e causos, representam uma forma ancestral de construção do imaginário coletivo e de organização das memórias sociais.

Assim, na década de 1960 surge a teoria da Folkcomunicação, proposta pelo estudioso Luiz Beltrão, tornando-se um importante arcabouço teórico para compreender os processos comunicacionais que ocorrem entre os grupos marginalizados, processos esses desconhecidos pela mídia hegemônica.

Desse modo, compreende-se que a *Folkcomunicação* busca investigar os meios populares de comunicação que surgem em contextos periféricos, ou seja, a comunicação produzida pelas camadas menos abastadas da sociedade, evidenciando a criatividade dessas comunidades. Nesse sentido, as lendas, os mitos e os causos desempenham um papel essencial ao traduzirem, de maneira simbólica, os anseios, os medos e as esperanças da população que os criam, vivenciam e transmitem ao longo do tempo. Como afirma Lopes,

[...] as lendas articulam questões com as quais a comunidade se vê às voltas para explicar. Podemos aqui interpretar essas questões como medos, ansiedades, polêmicas e interditos que uma sociedade precisa simbolizar, até certo ponto inconscientemente, na forma de narrativas. Essas narrativas viriam então confirmar ou questionar concepções de mundo tidas como válidas dentro da comunidade em questão (Lopes, 2008, p. 378).

A presente pesquisa está inserida nesse contexto, pois tem como objeto de estudo a lenda da Baleia Adormecida, narrativa amplamente difundida em cidades nordestinas como Icó (CE), Canguaretama (RN), Cristino Castro e Valença (PI). Esta narrativa, como dito anteriormente, é transmitida oralmente entre as gerações da cidade de Icó, situada na região Centro-Sul do estado do Ceará. Desse modo, ao investigá-la sob a ótica da Folkcomunicação, propõe-se compreender como ela se constitui como um dispositivo de comunicação que escapa da mídia hegemônica, não apenas informando sobre determinados fatos como a construção do

Santuário do Senhor do Bonfim, a retirada da imagem do Senhor do Bonfim e a revolta da população com os padres carmelitas que viveram na cidade, mas sendo utilizada como um mecanismo de salvaguarda e difusão cultural.

Além disso, serão observadas e analisadas as novas formas de difusão dessa narrativa, atualmente presente em produções musicais, audiovisuais e em *podcasts*. A metodologia utilizada será qualitativa, com base na análise de fontes orais, textuais e sonoras que dialogam com autores como Beltrão (1980), Melo (2008), Cascudo (2000), Eliade (2000) e Lima (1998).

2. OBJETIVOS

O presente trabalho tem como objetivo central compreender de que maneira a narrativa da Baleia Adormecida, existente no imaginário popular da cidade de Icó (CE), configura-se como uma prática *folkcomunicacional* voltada à difusão de saberes culturais locais e, conseqüentemente, à preservação da memória coletiva da comunidade.

Busca-se, além disso, identificar os meios de transmissão dessa lenda, com ênfase especial nos variados suportes orais e populares, analisando como esses se relacionam com os pressupostos da *Folkcomunicação*.

Pretende-se também contextualizar historicamente a cidade de Icó, ressaltando sua relevância como espaço de produção simbólica e cultural, bem como investigar os registros da narrativa em mídias alternativas contemporâneas, a exemplo de músicas, *podcasts* e outras manifestações artísticas, que contribuem para a circulação e a ressignificação dessa tradição no tempo presente. Dessa forma, a pesquisa procura evidenciar como a permanência e atualização da lenda fortalecem os vínculos identitários e mantêm viva a memória coletiva da cidade de Icó (CE).

3. METODOLOGIA

O trabalho consiste em uma pesquisa de caráter qualitativo, cujo propósito é analisar a lenda da Baleia Adormecida de Icó (CE) enquanto prática *folkcomunicacional*, à luz da teoria de Luiz Beltrão. A adoção de uma abordagem qualitativa justifica-se porque este tipo de investigação possibilita compreender os fenômenos culturais em sua complexidade, valorizando as dimensões simbólica, subjetiva e social que estruturam as narrativas populares.

Para sustentar a análise, recorre-se a fontes bibliográficas de referência, como Beltrão (1980), Melo (2008), Cascudo (2000) e Eliade (2000), que oferecem fundamentação teórica

para a compreensão das práticas comunicacionais tradicionais e das manifestações míticas e folclóricas. Além disso, são examinados registros em diferentes suportes midiáticos, como o *podcast Cidade das Lendas* (2021), a composição musical *Tamarineiros* (2016) e documentos históricos relacionados ao município de Icó, todos relevantes para a atualização e circulação contemporânea dessa narrativa.

A metodologia adotada também incorpora elementos da etnografia, entendida como instrumento de aproximação com as práticas sociais e culturais da comunidade. Assim, a observação de materiais orais e digitais possibilita identificar como a lenda é construída, transmitida e reinterpretada pelos moradores da cidade, evidenciando o processo de ressignificação da memória coletiva.

4. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Por se tratar de um trabalho que busca investigar as lendas como ferramentas de comunicação, inicialmente se faz necessário compreender o objeto de estudo que é a lenda da Baleia Adormecida de Icó (CE), narrativa presente nas obras de Lima (1998), Lima e Sousa (1996), na música *Tamarineiros* (2016) e no *podcast Cidade das Lendas* (2021), que são trabalhos fundamentais para esse estudo.

Também é preciso compreender a teoria da Folkcomunicação presente na obra de Beltrão (1980; 2014) e as definições de lendas e mitos, presentes nas obras de Eliade (2000) e Cascudo (2000). Além da história da cidade que se torna palco para a compreensão do surgimento dessa narrativa, presente nas obras de Lima (1998) e Théberge (1895).

4.1 A Folkcomunicação e *folkmidia*

A Folkcomunicação é um campo teórico desenvolvido pelo pesquisador Luiz Beltrão, a partir dos anos 1960. Com a criação da teoria, o autor objetivava compreender os processos comunicacionais que ocorrem fora dos circuitos midiáticos de comunicação, especialmente entre os grupos chamados populares ou marginalizados.

Para Beltrão (1980), a Folkcomunicação se constitui como o “sistema de comunicação dos excluídos”, sendo este um conjunto de práticas por meio das quais as camadas populares constroem, preservam e transmitem seus saberes, valores e visões de mundo. “A folkcomunicação pode ser definida como o conjunto de procedimentos de intercâmbio de

informações, ideias, opiniões e atitudes dos públicos marginalizados urbanos e rurais através de agentes e meios direta ou indiretamente ligados ao folclore” (Beltrão, 1980, p. 24).

Diferentemente da comunicação de massa, que geralmente se utiliza dos canais hegemônicos, a Folkcomunicação se estrutura através da oralidade e da tradição popular, nas festas populares, nas músicas e nas narrativas em que podem se enquadrar os mitos e as lendas. De acordo com Beltrão (2014), a Folkcomunicação também é importante na compreensão de como essas populações marginalizadas constroem e participam da vida social, mesmo sem acesso às mídias formais.

Assim, as lendas, como a lenda da Baleia Adormecida de Icó (CE), podem exemplificar a forma como as comunidades expressam, a partir de simbolismos, os seus medos, inseguranças, esperanças e anseios, utilizando uma linguagem própria que se difere da linguagem midiática tradicional, reforçando a sua identidade e pertencimento.

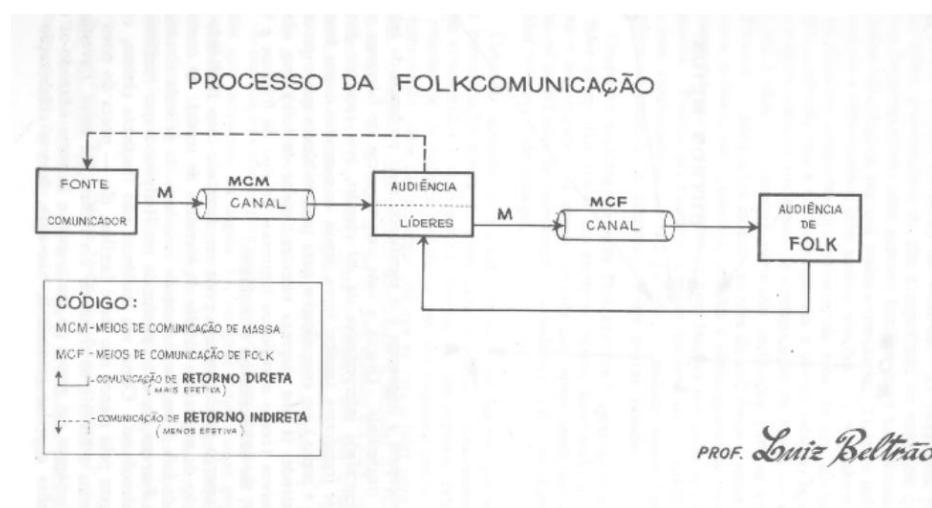


FIGURA 1 – ESQUEMA DO PROCESSO DA FOLKCOMUNICAÇÃO
FONTE – BELTRÃO, 1980, p. 34.

O esquema acima, retirado do livro *Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados* (1980), de Luiz Beltrão, representa o processo folkcomunicacional presente nas camadas populares da sociedade e apresenta a decodificação das informações feita pelos líderes comunitários. Esses mediadores reinterpretem as mensagens veiculadas pela mídia de massa e as traduzem para os códigos culturais da comunidade, utilizando canais próprios de expressão, como o cordel, as lendas e as emboladas. Dessa forma, o processo garante que o conteúdo comunicacional seja assimilado pela audiência popular, preservando sentidos e fortalecendo identidades locais.

Portanto, as lendas apresentam-se como um objeto de estudo significativo dentro da teoria da Folkcomunicação, pois expressam a forma como os grupos populares transmitem, reinterpretam e preservam elementos de sua cultura. Como afirma Rúbia Lóssio (2002 *apud* Nascimento, 2022, p. 1540), “é na folkcomunicação que esta torna-se matéria viva para estudos e pesquisas”, destacando que o caráter dinâmico das narrativas populares oferece um rico campo de análise.

Nesse sentido, as lendas não podem ser reduzidas a simples narrativas de cunho fantasioso, pois, conforme Nascimento (2022, p. 1540), “[...] as lendas carregam em si não só meras histórias de acontecimentos imaginários, mas são constituídas de todo um cenário de um povo, em determinada escala histórica”.

Dessa maneira, o aspecto fantasioso presente em seus enredos se articula a elementos do cotidiano, a fragmentos de acontecimentos reais e a representações de espaços geográficos e sociais concretos, o que lhes confere legitimidade enquanto fontes de memória coletiva. Além disso, ao circularem entre diferentes gerações, as lendas assumem uma função comunicacional de caráter pedagógico e identitário, reforçando valores, costumes e crenças que estruturam a vida comunitária.

4.2 Lendas e Mitos

As lendas e os mitos são manifestações narrativas que desempenham papel importante na construção do imaginário coletivo. Embora esses conceitos sejam confundidos, eles têm significados diferentes, pois, de acordo com Eliade (2000), os mitos são narrativas que apresentam acontecimentos primordiais, eles estão sempre situados em um tempo sagrado determinado e têm o objetivo de explicar a origem do mundo, dos fenômenos culturais ou dos seres humanos.

Já as lendas pertencem a um tempo menos distante e estão, geralmente, associadas a espaços reais e conhecidos pelos seres que as transmitem. Elas podem combinar elementos históricos com aspectos fantásticos e sobrenaturais, que fazem com que essas histórias sejam recordadas por aqueles que as escutam.

Para Cascudo (2000, p. 328), a lenda representa um “episódio heroico ou sentimental com o elemento maravilhoso ou sobre-humano, transmitido e conservado na tradição oral popular, localizável no espaço e no tempo”. As lendas não são somente narrativas ficcionais,

elas apresentam os sentimentos das comunidades e funcionam como uma espécie de memória. Assim como afirma Nascimento,

a lenda pode ser entendida como uma narrativa fantasiosa transmitida pela tradição oral através dos tempos. O mito procura explicar os principais acontecimentos da vida, os fenômenos naturais, a origem do mundo e dos homens, das coisas. São narrativas tradicionais, com características simbólicas e explicativas (Nascimento, 2022, p. 1544).

No caso da cidade de Icó (CE), a lenda estudada revela uma forte convergência entre a população local, sua geografia, suas crenças religiosas e sua história, além de servir como um mecanismo de interpretação do mundo fortalecendo traços identitários e sendo de enorme importância na preservação e difusão de elementos da memória coletiva.

4.3 História de Icó

A cidade de Icó, situada na região Centro-Sul do estado do Ceará, é uma das mais antigas cidades do interior nordestino e é, atualmente, o sítio histórico com o maior número de bens tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) no estado.

Sua origem remonta ao século XVII, quando a região começou a ser povoada por portugueses e sertanejos, que foram atraídos pela sua localização estratégica. De acordo com Lima (1998, v. 2, p. 110), “Icó faz fronteira com Paraíba e Rio Grande do Norte, o que facilitou o escoamento de mercadorias para Pernambuco e Bahia”.

Devido a sua localização, segundo Théberge (1895), Icó rapidamente se consolidou como um importante entreposto comercial e administrativo do sertão cearense, tendo desempenhado papel de destaque durante o ciclo do gado no Brasil colonial.

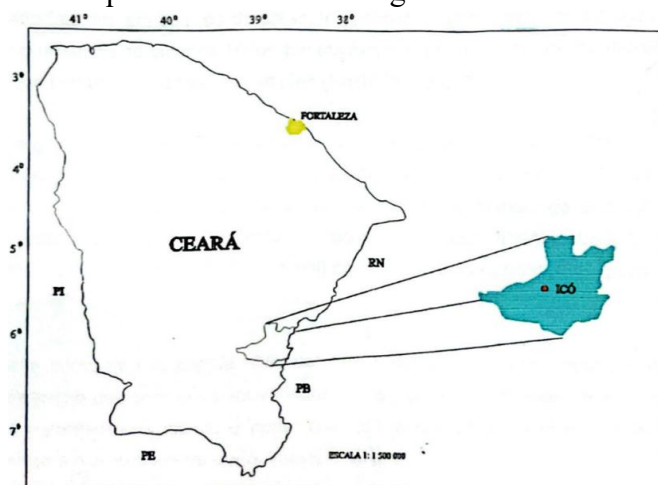


FIGURA 2 – LOCALIZAÇÃO DO MUNICÍPIO DE ICÓ NO ESTADO DO CEARÁ
FONTE – COSTA, 1998, p. 69.

A partir da leitura da obra *Princesa dos sertões*, de Lima e Sousa (1996), pode-se compreender que Icó é um lugar onde as narrativas populares são intensamente vivenciadas, produzidas e reproduzidas, seja por meio da oralidade, seja por manifestações culturais e religiosas, como as festas do Senhor do Bonfim e de Nossa Senhora da Expectação.

Segundo Lima e Sousa (1996, p. 66), “muitas são as histórias de caráter lendário versadas de boca em boca pelos icoenses, refletindo o seu jeito espirituoso de conviver com as incoerências. Algumas dessas histórias podem ser fictícias ou contém verdades absolutas sobre Icó”. Essas manifestações servem como espaço para a transmissão de saberes que reforçam a identidade do lugar e a lenda da Baleia Adormecida emerge como patrimônio imaterial da cidade.

Portanto, conhecer a história da cidade é fundamental para a contextualização do lugar e do objeto apresentados neste trabalho. A narrativa em questão está interligada ao espaço geográfico e religioso da cidade, como a Igreja do Senhor do Bonfim e o Rio Salgado. Ela se ancora também aos elementos históricos que atravessam o tempo moldando o espaço urbano.

4.4 A Baleia Adormecida de Icó (CE)

No sertão cearense, onde o Rio Salgado serpenteia entre pedras e memórias, uma lenda ancestral resiste ao tempo e às estiagens. Conta-se que na histórica cidade de Icó, onde foi erguida a Igreja do Senhor do Bonfim, repousa, há tempos, uma enorme baleia adormecida. Segundo a tradição popular, se um dia essa criatura despertar de seu sono profundo, as águas que estão abaixo da terra poderão romper o chão seco, fazendo emergir um braço de mar e assim o sertão voltaria a ser oceano.

Narrada poeticamente, essa lenda é amplamente disseminada entre os moradores da cidade, sejam eles crianças, jovens, adultos ou idosos, independentemente de gênero, raça ou condição socioeconômica. Embora sua origem exata seja desconhecida, os estudos de Lima (1998) e Lima e Sousa (1996) indicam que a narrativa pode ter raízes nas tradições orais do povo indígena Tapuia Kariri, antiga etnia que habitava a região onde atualmente se localiza Icó.

O autor Lima (1998, v. 2, p. 9), diz que “ao chegarem aqui os primeiros colonizadores, encontraram uma tribo tapuia da Nação Cariri, denominada Icó. A nossa dúvida procede, porque o termo Icó, de acordo com Paulinho Nogueira, vem de Yg, água + có, roça (água ou rio da roça); ou í, sua + có, (sua roça)”.

A lenda ganhou ainda mais notoriedade na década de 1920, com a chegada de frades carmelitas que, desconhecendo a narrativa local, planejaram a construção de uma nova igreja dedicada ao Senhor do Bonfim, devido à crescente demanda de fiéis.

A intenção era transferir para esse novo templo a imagem do santo, trazida da Bahia em 1749, conforme registros históricos. Contudo, como afirmam Lima e Sousa (1996, p. 75), “a crença popular, no entanto, reforça a fé católica assegurando que tal fato somente não acontecerá se os devotos do Senhor do Bonfim jamais retirarem a imagem do Senhor do Bonfim de seu santuário de origem”. Portanto, para as autoras, a crença popular sustentava que a imagem jamais poderia ser retirada de seu santuário original, sob pena de despertar a baleia e provocar uma catástrofe.



FIGURA 3 – A LENDA DA BALEIA

FONTE – ILUSTRAÇÃO DE PEVÊ AZEVEDO, 2018.

O impasse culminou em um episódio simbólico, narrado por Daniel Bruno e Isabella Cândido, no *podcast Cidade das Lendas* (2021): no dia da inauguração da nova igreja, a população, temerosa diante da lenda, impediu a remoção da imagem sagrada. Como resultado, o novo templo recebeu outra denominação e passou a ser dedicado a São José, mantendo-se intacto o vínculo espiritual entre o povo icoense e o santuário original do Senhor do Bonfim.

É importante destacar que a lenda é transmitida não apenas por meio da oralidade, preservada ao longo do tempo no seio da comunidade, mas também através de meios de comunicação massivos e contemporâneos. Produções como a música *Tamarineiros* (2016), de Drulucca e Luiz Angelim, e o *podcast Cidade das Lendas* (2021), contribuem para a difusão

dessa narrativa em esferas mais amplas, alcançando públicos externos e fortalecendo a visibilidade cultural de Icó para além de seus limites geográficos.

Portanto, ao articular elementos do imaginário simbólico com referências a fatos históricos reais, como a presença dos frades carmelitas e a resistência popular à mudança do santuário, a narrativa constitui-se como uma rica expressão da Folkcomunicação, pois se perpetua fora dos circuitos midiáticos tradicionais, sustentada pela oralidade, pela fé e pelas práticas culturais do povo icoense.

Além de encantar, essa narrativa demonstra um conjunto de práticas de troca de informações, ideias, opiniões e comportamentos entre os públicos marginalizados urbanos e rurais (Beltrão, 1980). Por meio dela, os moradores de Icó não apenas mantêm viva uma tradição ancestral, mas também resistem à homogeneização das mídias hegemônicas, criando e recriando um saber que é todo seu, enraizado em seu chão, em sua história e em sua imaginação.

4.5 Os diferentes suportes utilizados na difusão da lenda

O conceito de suporte refere-se ao meio ou canal em que uma narrativa é veiculada, garantindo sua transmissão, circulação e ressignificação ao longo do tempo (Nanci, 2013). No âmbito das tradições populares, esses suportes podem se materializar em diferentes formas, como a oralidade, a música, a literatura, o cordel, o audiovisual e os *podcasts*, funcionando como mediadores entre a memória coletiva, os sujeitos sociais que a atualizam e o público receptor da mensagem.

No caso da lenda da Baleia Adormecida de Icó (CE), a pesquisa centra-se em dois suportes contemporâneos que ampliam o alcance da tradição para além da oralidade: a música e o *podcast*. Com isso, a música *Tamarineiros* (2016) e o *podcast Cidade das Lendas* (2021), tratam-se de dois tipos de suportes que buscam difundir a narrativa produzida na cidade.

4.5.1 A música *Tamarineiros* (2016)

A composição *Tamarineiros* (2016), de Drulucca e Luiz Angelim, constitui um exemplo expressivo de como a narrativa popular pode ser transportada para o universo musical, fortalecendo a circulação em contextos ampliados e se utilizando de mídias antes não acessadas.

Nesse suporte, a lenda da Baleia Adormecida não apenas é evocada como tema poético, mas também evidencia fatos históricos da cidade, como a tentativa de retirada da Imagem do Senhor do Bonfim do santuário destinado ao santo, para a Igreja Nova que foi concluída no fim dos anos 1990.

Como afirma Lima (1998, p. 71), “o Pe. Antônio Vieira, que com muito entusiasmo, e contando com o apoio dos paroquianos, deu início a construção do templo ainda naquela década, presumivelmente em 1959, continuando na década seguinte”. O autor afirma que em 1996 a Igreja Nova estava quase concluída e viraria o templo do Senhor do Bonfim, o que, devido a perpetuação da lenda, não aconteceu e a Igreja Nova transformou-se na Igreja de São José.

Além disso, a lenda é reinterpretada de forma a dialogar com sensibilidades contemporâneas, o que evidencia sua capacidade de atualização sem a perda do núcleo simbólico, ou seja, sem perder a temática principal.



FIGURA 4 – AS BOMBAS DO SENHOR DO BONFIM

FONTE – IMAGEM DO VIDEOCLÍPE “TAMARINEIROS” DE DRULUCCA, 2016.

No trecho “*Não tire o santo do altar dele / Se essa baleia acordar / Esse sertão vai virar mar*”, a letra da música condensa a força imagética do mito, projetando o medo coletivo diante da possível ruptura da ordem natural e social. A letra articula elementos da religiosidade popular, como a imagem do Senhor do Bonfim, com o imaginário mítico da baleia, revelando a coexistência entre fé e superstição de componentes inseparáveis na cultura icoense.

Outros versos, como “*Ouçó os gritos dos tamarineiros / Guardiões da Botija de Glória / Ou são gritos das rasgas mortalhas / As almas penadas*”, inserem a lenda em um mosaico de

crendices e símbolos regionais, reforçando o entrelaçamento de narrativas orais que compõem o universo mítico da cidade de Icó.

Desse modo, ao ser incorporada ao cenário musical, a lenda ultrapassa os limites da oralidade tradicional e passa a alcançar públicos diversificados, incluindo os sujeitos que não mantêm algum vínculo específico com Icó. Nesse processo, a canção atua como dispositivo de memória e prática folkcomunicação, pois nasce de um repertório simbólico local, mas é transmitida por um canal que expande esse conteúdo, fortalecendo a identidade e o pertencimento local.

4.5.2 O *podcast Cidade das Lendas* (2021)

O *podcast*, enquanto meio contemporâneo de difusão narrativa, representa uma atualização das práticas comunicacionais populares, ao permitir que tradições orais sejam preservadas, ressignificadas e incorporadas ao ambiente digital. Nesse sentido, amplia-se a possibilidade de circulação de saberes, uma vez que a narrativa deixa de estar restrita ao espaço da oralidade presencial e passa a integrar redes virtuais de acesso global.

De acordo com Bontempo (2021, p. 20), “a definição técnica para *podcast* é a distribuição de arquivos de áudio utilizando a tecnologia RSS (*Really Simple Syndication*)”. Para além do aspecto técnico, o autor ressalta que o *podcast* constitui “uma experiência auditiva que pode ser acessada onde, como e quando o ouvinte desejar” (Bontempo, 2021, p.21), evidenciando sua flexibilidade e potencial de alcance, fundamentais para a valorização e continuidade das expressões culturais de caráter oral.

Desse modo, o *podcast Cidade das Lendas* (2021), produzido por Isabella Cândido e Daniel Bruno, representa uma nova forma de pensar e reelaborar a tradição oral da lenda da Baleia Adormecida para a linguagem digital, buscando preservar a proximidade com a oralidade comunitária, através das falas dos apresentadores e entrevistados, ao mesmo tempo em que expande seu alcance cultural.

O episódio, intitulado *A Lenda da Baleia*, apresenta a narrativa a partir das memórias de Miguel Porfírio de Lima e Altino Afonso, ambos reconhecidos como importantes memorialistas da cidade de Icó, bem como dos próprios apresentadores, naturais do município e detentores desse saber desde a infância. A proposta central consiste em preservar e difundir a tradição oral, utilizando a linguagem como instrumento para a construção de imagens mentais

capazes de conduzir o ouvinte à apreensão e compreensão da narrativa em sua dimensão histórica e cultural.



FIGURA 5 – PODCAST *CIDADE DAS LENDAS*
FONTE – PLATAFORMA DE *STREAMING* SPOTIFY, 2021.

A disponibilização do *podcast* em plataformas de *streaming* representa um deslocamento da tradição oral para o ambiente digital, o que possibilita sua inserção em contextos comunicacionais ampliados. Essa dinâmica dialoga diretamente com a concepção de Beltrão acerca do papel da Folkcomunicação para as camadas populares, uma vez que permite às manifestações culturais transitarem por diferentes suportes midiáticos sem perder sua legitimidade simbólica.

Portanto, compreende-se que o *podcast* evidencia a tradição oral icoense não como vestígio do passado, mas como um processo dinâmico de reinvenção em suportes midiáticos contemporâneos. Nesta perspectiva, confirma-se a proposição de Beltrão evidenciando a vitalidade com que a lenda se reafirma como elemento identitário no plano comunitário e, simultaneamente, projeta-se em circuitos globais de recepção, garantindo sua continuidade como patrimônio imaterial da cidade de Icó.

5. CONCLUSÃO

A análise desenvolvida permitiu compreender que a lenda da Baleia Adormecida, inserida no contexto cultural de Icó (CE), constitui-se como uma prática folkcomunicação capaz de articular memória, identidade e tradição em diferentes suportes de circulação. Ao transitar da oralidade tradicional para expressões midiáticas como a música e o *podcast*, a narrativa reafirma a sua força e demonstra a plasticidade das formas comunicacionais populares na contemporaneidade.

Nesse processo, a teoria de Luiz Beltrão mostrou-se fundamental para interpretar a permanência e a atualização de práticas simbólicas em meios não hegemônicos, evidenciando que a folkcomunicação atua como elo entre a experiência comunitária e os circuitos midiáticos emergentes. Assim, a lenda não se limita a um vestígio do passado, mas consolida-se como patrimônio imaterial que traduz valores, tensões e crenças da coletividade icoense, ao mesmo tempo em que alcança novos públicos e contextos de recepção.

Por fim, o presente estudo aponta para a necessidade de ampliar as pesquisas acerca do papel do audiovisual e das mídias digitais na preservação, salvaguarda e difusão de manifestações populares, de modo a compreender como esses recursos podem contribuir no processo de perpetuação da memória coletiva, assegurando a continuidade e ressignificação das tradições no cenário global de circulação cultural.

Referências

- AZEVEDO, Pevê. **A lenda da baleia**. 2018. 1 desenho digital. Disponível em: <https://www.behance.net/gallery/60605305/a-lenda-da-baleia>. Acesso em: 25 ago. 2025.
- BELTRÃO, Luiz. **Folkcomunicação: a comunicação dos marginalizados**. São Paulo: Cortez, 1980.
- _____. **Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de ideias** [recurso eletrônico]. Porto Alegre: EdPUCRS, 2014.
- BONTEMPO, Renato. **Podcast descomplicado: crie podcasts impossíveis de serem ignorados**. Patos de Minas, MG: Ed. do Autor, 2021.
- CASCUDO, Luís da Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 9. ed. São Paulo: Global, 2000.
- CIDADE das Lendas. #01 - A Lenda da Baleia. [Locução]: Daniel Bruno e Isabella Cândido. [s.l.]: Spotify, 08 abr. 2021. *Podcast*. Disponível em: <https://open.spotify.com/show/0va41wsR2AvVFkZfajExV5>. Acesso em: 10 jul. 2025.
- ELIADE, Mircea. **Mito e realidade**. 5. ed. São Paulo: Perspectiva, 2000.
- LIMA, Idelsuite de Sousa; SOUSA, Maria Eleneuda de. **Princesa dos sertões**. Fortaleza: Tropical, 1996.
- LIMA, Miguel Porfírio de. **Icó entre fatos e memórias**. v. 2. Icó: [s.n.], 1998.
- LOPES, Carlos Renato. Em busca do gênero lenda urbana. **Linguagem em (Dis)curso**, Tubarão, v. 8, n. 2, p. 373-393, mai./ago. 2008. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/394. Acesso em: 08 jul. 2025.

MELO, José Marques de. **Mídia e cultura popular: história, taxionomia e metodologia da Folkcomunicação**. São Paulo: Paulus, 2008.

NANCI, Katia Arilha Fiorentino. **Narrativas que evocam memórias e subjetividades**: o reposicionamento do trabalho com a literatura de origem oral na alfabetização. 2013. 190f. Dissertação (mestrado) – Linguagem e Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-16092013-123852/publico/corpo.pdf>. Acesso em: 26 ago. 2025.

NASCIMENTO, Cicero Bruno Barros. Lugar de Memória: os mitos e as lendas na construção de identidades. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 1536-1550, mar. 2022. Disponível em: <https://periodicorease.pro.br/rease/article/view/4737>. Acesso em: 07 jul. 2025.

TAMARINEIROS. Intérprete: Drulucca. Compositores: Pedro Lucca Cândido e Luiz Angelim. In: EP CAFÉ Molotov. Intérprete: Drulucca. [S.l.]: Spotify, 18 jul. 2016. Disponível em: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/64IJnNXamdnDo6GSSkrmGI>. Acesso em: 08 jul. 2025.

THÉBERGE, Pedro. **Esboço histórico sobre a Província do Ceará**. 2. ed. Fortaleza: Editora Henriqueta Galeno, 1973.